

## Resumo

Em 1986, Jacques Derrida afirmava: “*One could say that there is nothing more architectural than deconstruction but also nothing less architectural.*” Com esta declaração enigmática, o filósofo acentuava a condição problemática da arquitetura da desconstrução, antevendo uma difícil compreensão e historicização deste fenômeno disciplinar. O que se denominou de “arquitetura desconstrutivista”, “desconstrutivismo”, ou mesmo “desconstrucionismo”, parece estar hoje bem arrumado na história e teoria de arquitetura contemporâneas. Reinvestir criticamente no campo teórico da desconstrução arquitetônica pode parecer assim uma tarefa tão inoportuna quanto insensata. No entanto, acreditamos que não se podem compreender as mudanças estruturais na teoria de arquitetura contemporânea, sem uma reavaliação crítica das mudanças paradigmáticas que a desconstrução trouxe à disciplina. As *aberturas* trazidas pela desconstrução arquitetônica permanecem latentes, presentes mas reprimidas por uma lógica profissional, mercantilizada e mediatizada, que inviabiliza *outras* possibilidades interpretativas e interventivas no campo disciplinar da arquitetura. Para que estas se tornem operativas há pois que *desconstruir* a própria desconstrução arquitetônica, interrogar as suas dicotomias *fundadoras* para encontrar os seus pontos de intensidade, os seus fluxos expansivos e os seus nós estruturais, desvendando as conexões entre práticas teóricas, propostas projectuais e realidades materiais. ●

## Abstract

In 1986, Jacques Derrida pointed out that: “*One could say that there is nothing more architectural than deconstruction but also nothing less architectural.*” With this enigmatic statement, the philosopher stressed the problematic condition of architectural deconstruction, anticipating the difficult comprehension and historicization of this disciplinary phenomenon. What is called “deconstructivist architecture”, “deconstructivism”, or even “deconstructionism”, seems today to be well set in the history and theory of contemporary architecture. So, to reinvest critically in this theoretical issue may seem an inopportune and imprudent task. However, we believe that it is impossible to understand the structural transformations in contemporary architecture theory without a critical re-evaluation of the paradigmatic changes that deconstruction has brought to the discipline. *Openings* brought by architectural deconstruction remain latent, present, but repressed by a commodified and mediatized professional logic, which invalidates *other* potential interpretations and interventions in architecture’s disciplinary field. To make them operative it is crucial to *deconstruct* architectural deconstruction, to interrogate its *grounding* dichotomies in order to find its strength points, its expansive fluxes and its structural nodes, revealing the connections between theoretical practices, design proposals and material realities. ●

## palavras-chave

ARQUITECTURA  
DESCONSTRUÇÃO  
PÓS-ESTRUTURALISMO  
TEORIA  
WIGLEY

## key-words

ARCHITECTURE  
DECONSTRUCTION  
POST-STRUCTURALISM  
THEORY  
WIGLEY

# DESCONSTRUINDO A DESCONSTRUÇÃO ARQUITECTÓNICA

---

LUÍS SANTIAGO BAPTISTA

Departamento de Arquitectura ECATI-ULHT/LabART

Doutorando Departamento de Arquitectura

Faculdade de Ciências e Tecnologia

Universidade de Coimbra

**“One could say that there is nothing more architectural than deconstruction but also nothing less architectural.”**

(Derrida, 1997 [1986]a, 321)

O que em arquitectura se denominou de “arquitectura desconstrutivista”, “desconstrutivismo”, ou mesmo “desconstrucionismo”, parece estar hoje bem ar-  
rumado na história e teoria de arquitectura contemporâneas. Um movimento ou ten-  
dência arquitectónicas que teve a sua emergência, desenvolvimento, apogeu e de-  
cadência, no tempo curto e acelerado a que todas as criações artísticas e produções  
culturais estão votadas na actualidade. Desde logo, os arquitectos participantes  
distanciaram-se estratégica e progressivamente da definição de desconstrutivismo,  
esvaziando-o de massa crítica. O silêncio que se seguiu manifesta, acima de tudo,  
a repressão de um movimento disciplinar de definição impossível, fragmentado  
numa série irreduzível de posicionamentos individuais. Por outro lado, a sua erudita  
produção teórica e a sua artística produção prática parecem estar actualmente em  
evidente contra-ciclo com as expeditas estratégias culturais e criativas contempo-  
râneas. Textos quase impenetráveis, desenhos perto do inapreensível e espaços  
no limite da instabilidade ficaram como imagens estereotipadas de algo que se  
quer definitivamente ultrapassado. Finalmente, a emergência do *star-system* no  
domínio da arquitectura, tornou estes arquitectos associados à desconstrução em  
importantes figuras mediáticas e as suas obras em referências icónicas das cidades  
contemporâneas. A arquitectura da desconstrução foi perigosamente assimilada  
pelos mecanismos produtivos das sociedades mercantilizadas e mediatizadas actu-  
ais. Entre a complexidade intrínseca da sua produção e a assimilação operativa pelo  
poder, poderíamos dizer que a desconstrução arquitectónica é hoje um não-tema.

Reinvestir criticamente no campo teórico da desconstrução arquitectónica pode parecer assim uma tarefa tão inoportuna quanto insensata. No entanto, acredito que não se podem compreender as mutações estruturais na teoria de arquitectura contemporânea sem uma reavaliação crítica das mudanças paradigmáticas que a desconstrução trouxe à disciplina, directa ou indirectamente, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente. Uma reactualização desta questão pode abrir novas possibilidades de leitura e acção que ponham em causa a dominante cultura da imagem que remete todo o substrato de diferença para uma repetição do mesmo, neutralizando assim o seu potencial crítico e afirmativo. As aberturas trazidas pela desconstrução arquitectónica permanecem latentes, presentes mas reprimidas por uma lógica niveladora que inviabiliza outras possibilidades interpretativas e actantes no campo disciplinar da arquitectura. Para que estas se tornem produtivas há pois que desconstruir a própria desconstrução arquitectónica, interrogar as suas dicotomias fundadoras para encontrar os seus pontos de intensidade, os seus fluxos expansivos e os seus nós estruturais, desvendando as conexões entre práticas teóricas, propostas projectuais e realidades materiais. Todo este trabalho, se bem que lançado por referências indiscutíveis, está no essencial por fazer. Espera-se que este ensaio seja uma oportunidade para relançar esse debate para uma compreensão mais alargada e abrangente das transformações disciplinares das últimas décadas.

## Confronto de Paradigmas: Semiologia vs. Fenomenologia

A teoria de arquitectura da segunda metade do século xx está marcada essencialmente por dois paradigmas filosóficos dominantes, a semiologia (ou estruturalismo) e a fenomenologia. Como K. Michael Hays salientou:

“For the work in architecture theory written before 1977, it is especially helpful to understand the importation and deployment of both structuralist and phenomenological thought as militating against the received models of modernist functionalism and the positive analyses that had reemerged in the guises of behaviorism, sociology, and operations research in the 1960s. Against these, structuralism and phenomenology each projected questions of «meaning» (...) into a structure of sheer relations among architectural elements within a field of signification.” (Hays, 2000, xiii).

Depois das questões programáticas, funcionais, tipológicas, tecnológicas e visionárias que dominaram a modernidade arquitectónica, a teoria de arquitectura encontra no campo do pensamento semiológico e fenomenológico o território fundamental para uma reorientação crítica dos princípios ideológicos da arquitectura moderna. Por um lado, a investigação centrada nas estruturas da linguagem vinda da

Exposição 'Deconstructivist Architecture',  
23 Junho a 30 Agosto 1988. Nova  
Iorque, Museum of Modern Art (MoMA).  
The Museum of Modern Art Archives,  
NY. IN1489.1. © 2013. Digital image,  
The Museum of Modern Art, New York/  
Scala, Florence



<sup>1</sup> A teoria de arquitetura da segunda metade do século XX mantém na sombra um terceiro grande paradigma filosófico, a teoria crítica da Escola de Frankfurt de Benjamin, Horkheimer e Adorno, com as suas dimensões ideológicas, políticas e sociais. Apesar disso, a crítica ideológica de Manfredo Tafuri, Henri Lefebvre e Fredric Jameson atravessaria todo o fenómeno disciplinar da desconstrução, vindo a emergir em força a partir da transição do milénio, com a viragem estrutural da disciplina para as questões do urbano e da urbanização.

linguística de Saussure, da semiótica de Pierce e da filosofia analítica de Russell, Wittgenstein e Austin, o estruturalismo de Foucault, Barthes e Eco com a sua lógica sistémica entre significante e significado. Por outro lado, a investigação focada na experiência do mundo associada às correntes fenomenológicas de Husserl, Bachelard, Heidegger e Merleau-Ponty, hermenêuticas de Gadamer e Ricoeur e mesmo existencialistas de Sartre com a sua relação sistémica entre o sensível e o inteligível. O mundo como um sistema visual de signos confronta-se com o mundo como um sistema perceptivo de fenómenos. Estes dois universos do pensamento contemporâneo informam e constroem as bases dominantes da teoria de arquitetura entre as décadas de setenta e noventa, mantendo latente a influência da teoria crítica e ideológica da Escola de Frankfurt.<sup>1</sup>

Tendo em conta que estas tendências não se distinguem de forma pura e absoluta, e apesar dos seus diferentes objectivos e modos de abordagem, é possível delimitá-las nas propostas dos principais teóricos da arquitetura desse período. Em primeiro lugar, a tendência semiológica revela-se nas leituras arquitectónicas de Umberto Eco e urbanas de Roland Barthes, nas teorias "tipológicas" e "analógicas" de Aldo Rossi, nos estudos formalistas de Colin Rowe, e nas análises metodológicas de Alan Colquhoun, no estudo histórico da "complexidade e contradição" de Robert Venturi, ou depois, no mapeamento comunicacional de Las Vegas de Robert Venturi e Denise Scott-Brown, nas pesquisas analíticas de Geoffrey Broadbent, Mario Gandelsonas e Diana Agrest e na definição de uma "linguagem pós-moderna" por Charles Jencks ou tradicionalista por Leon Krier. Em todas estas propostas teóricas, a linguagem arquitectónica é entendida como um sistema de signos disciplinar e culturalmente estabelecidos, legíveis e transmissíveis através da experiência arquitectónica. Neste sentido, a interpretação arquitectónica torna-se a captação de um complexo de signos e símbolos susceptível de uma leitura codificada, análoga ao funcionamento sintáctico e semântico da linguagem.

Em segundo lugar, a tendência fenomenológica manifesta-se nos ensaios arquitectónicos de Heidegger, na defesa do “espírito do lugar” de Christian Norberg-Schulz e nas propostas do “regionalismo crítico” e depois da “cultura tectónica” de Kenneth Frampton, ambas a partir de leituras das ideias de Heidegger, no “regionalismo crítico” de Alexander Tzonis e Liliane Lefaivre, na interpretação territorial de Vittorio Gregotti, na “geometria da sensibilidade” de Juhani Pallasmaa e nas teorias urbanas da “collage” de Colin Rowe e Fred Koetter. Nestas concepções teóricas, a experiência arquitectónica é entendida como uma realidade estruturalmente conectada com a memória material e com a tradição cultural, manipuláveis e traduzíveis numa linguagem arquitectónica específica. Deste modo, a experiência arquitectónica torna-se a apreensão de uma realidade racional e sensorial transmutável numa composição integradora, fundada nas concepções culturais e antropológicas estabelecidas.

No entanto, o modo de apropriação destes grandes paradigmas do pensamento contemporâneo pela teoria de arquitectura continuou a remeter para um derradeiro esforço de síntese e conciliação. Como se, mesmo assumindo a problematicidade da realidade, os teóricos não questionassem verdadeiramente a lógica sistémica que a estrutura, continuando a assumir a natureza transparente dos processos mediadores. Se os signos e percepções podem revelar o seu desfasamento em relação à complexidade do real, a estrutura de sentido que os integra permanece no essencial por questionar. Perante um mundo cada vez mais fragmentado e estilhaçado, a teoria ainda se procura afirmar como último reduto de uma construção qualquer que o ordene e organize num sistema coerente e sustentado. Essa assunção implícita da transparência da mediação e da identidade do sentido acabaria contudo por determinar o afastamento do real, ou seja, nas palavras de Hays, “(i)n both structuralist and phenomenological thought, architectural signification is autonomous, at distance from reality (...)”. (Hays, 2000, XIII)

O pensamento pós-estruturalista, no qual se sustentou a teoria da arquitectura associada à desconstrução, vem precisamente problematizar e investigar essa relação mediadora entre o sujeito e o mundo. Partindo das bases dos grandes paradigmas semiológico e fenomenológico, as abordagens pós-estruturalistas apropriam as fracturas já interiorizadas, respectivamente por Saussure e Husserl nos modelos originais, mas depois presentes em filósofos como Wittgenstein, Heidegger ou Merleau-Ponty, para questionar as suas pretensões universalistas. Pensadores como Michel Foucault, Jean-François Lyotard, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari reflectem essa mudança paradigmática no pensamento contemporâneo, realizada a partir dos anos 60, através de um forte ataque às lógicas estruturais e sistémicas da modernidade, interrogando as suas intenções totalizadoras. Não será um acaso que quase todos os filósofos associados ao pós-estruturalismo teorizaram sobre a ideia de diferença, como conceito fundamental de investigação dos processos de mediação com a realidade.<sup>2</sup> Se os grandes paradigmas referidos estruturaram a relação entre significante e significado ou a conexão entre percepção e sentido, o pós-estruturalismo vem romper esses laços, não para destruir as estruturas da linguagem e as bases da experiência, mas para libertar o seu potencial constitutivo e construtivo. Ao questionarem a lingua-

<sup>2</sup> Ver Deleuze, Gilles. *Différence et Répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1968; Derrida, Jacques. «La Différance», in *Marges de la Philosophie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1972; Lyotard, Jean-François. *Le Différend*. Paris: Les Éditions du Minuit, 1983.

<sup>3</sup> Ver os ensaios teóricos de crítica dos fundamentos disciplinares e os consequentes projectos das casas conceptuais de Peter Eisenman; a crítica textual da transgressão disciplinar de Bernard Tschumi; o “manifesto retroactivo” paradoxal simultaneamente histórico e ficcional para Nova Iorque e consequentes narrativas e projectos iconográficos para Manhattan de Rem Koolhaas; as estranhas apropriações figurativas em contexto artístico de Frank Gehry; as práticas radicais de desenho de abstractização simbólica e as enigmáticas instalações conceptuais sobre a memória de Daniel Libeskind, nas instalações tecnológicas excessivas dos Morphosis, etc.

<sup>4</sup> Ver as composições materializadas informalmente para a Califórnia de Frank Gehry; os diagramas espaciais de percepção cinematográfica de Bernard Tschumi; as performances corporais limite na cidade e as instalações informais materializadas no museu dos Coop Himmelblau; as dinâmicas pinturas perspécticas explodidas de Zaha Hadid; os ambientes vivenciais desfamiliarizados de Diller & Scofidio, etc.

gem como meramente dada, investigam as possibilidades que emergem da abertura do campo de significação. Neste sentido, a linguagem não é mais entendida como reflexo ou espelho do mundo, mas antes como uma prática discursiva e experiencial, em movimento e transformação constantes. Não determinadas à partida por lógicas de correspondência e conformidade nem por determinações de origem e finalidade, as teorizações pós-estruturalistas exploram as possibilidades do jogo da significação, assumindo a problematicidade estrutural dos processos de mediação do sujeito com a realidade. Adoptando um fundamento crítico das instituições e discursos dominantes, afastam-se das lógicas sistémicas para poder captar a singularidade e potência generativa e produtiva da linguagem e da experiência.

A influência inicial do pós-estruturalismo na teoria de arquitectura não pode ser facilmente delimitada, uma vez que os contactos entre a desconstrução filosófica e a prática arquitectónica iriam acontecer apenas mais tarde. No entanto, as concepções do pós-estruturalismo, com o seu questionamento das lógicas sistémicas e crítica dos fundamentos disciplinares, expressam-se na arquitectura, a partir dos anos 70, de uma forma mais indirecta e implícita, em diversas propostas experimentais que extravasam a actividade tradicional do arquitecto. Por um lado, o questionamento do sistema semiológico pode ser vislumbrado em ensaios críticos dos fundamentos disciplinares, em propostas conceptuais de natureza textual ou projectual e em intervenções artísticas em volta da representação linguística e figurativa.<sup>3</sup> Por outro lado, o questionamento do sistema fenomenológico revela-se em investigações analíticas e experimentais da percepção espacial, em performances artísticas no espaço arquitectónico e urbano e em instalações espaciais de activa negociação corporal.<sup>4</sup> Num conjunto abrangente e diversificado de propostas embrionárias, não sistemáticas mas já intencionais, existe uma vontade de deslocamento das assumpções disciplinares dominantes e um ímpeto para subverter as lógicas de sentido da arquitectura, manifestando a existência de um contexto propício para a germinação do que se viria a denominar mais tarde de arquitectura desconstrutivista.

## Conflito de Disciplinas: Filosofia vs. Arquitectura

A emergência da desconstrução arquitectónica está marcada *geneticamente* por uma aproximação inaudita entre a filosofia e a arquitectura. Não meramente uma influência do pensamento filosófico no campo disciplinar da arquitectura, o que não seria nada de propriamente novo, mas uma tentativa radical de interrogar a filosofia através da arquitectura e interrogar a arquitectura através da filosofia. Como Mark Wigley apontou:

“In these terms, any translation between deconstruction and architecture does not simply occur between the texts of philosophical discourse and those of ar-

chitectural discourse. Rather, it occupies and organizes both discourses. Within each there is at least an ongoing architectural translation of philosophy and a philosophical translation of architecture. (...) And to think of such contract here will not only be to think of architecture as the possibility of deconstruction, but likewise to think of deconstruction as the possibility of architecture.” (Wigley, 1996 [1993], 5-6).

Esta relação estrutural entre o pensamento filosófico e a teoria de arquitectura pode ser aferida através da análise dos percursos confluentes do mentor filosófico da desconstrução, Jacques Derrida, e do arquitecto mais conotado com o desconstrutivismo, Peter Eisenman.

No campo da filosofia, Derrida tinha lançado, no final dos anos 60, o termo “desconstrução”, para questionar as orientações totalizantes do estruturalismo.<sup>5</sup> A ideia de desconstrução de Derrida deriva do seu conceito de *differance*, uma noção simultaneamente empírica e transcendental, sincrónica e diacrónica, que afirma a impossibilidade de fechamento da linguagem. A *differance* compreende a indistinção do “diferir” espacial e do “deferir” temporal, compreendendo simultaneamente o “devir-espaço do tempo” e o “devir-tempo do espaço”.<sup>6</sup> Para Derrida, a *differance* subentende o deferimento do significado que não permite a sua estabilização, potenciando assim a abertura diferencial do significante. Se o mundo nunca é dado em si, a *presença* não se pode absolutizar nem quebrar os vínculos com o *presente*, porque se funda num movimento contínuo e perpétuo do sentido. Ao assumir a opacidade da linguagem, a actividade da *differance* impossibilita assim uma tradução transparente do mundo e conseqüentemente a sua constituição como identidade prévia e universal. É neste sentido que a linguagem se pode apresentar como uma estrutura aberta, de natureza dinâmica e potencial, funcionando a partir das aberturas e deslocamentos

<sup>5</sup> Jacques Derrida contextualiza e define brevemente mas enigmaticamente o termo desconstrução numa carta ao seu tradutor japonês. Refere que não é “an *analysis* nor a *critique*”, nem uma “*regression toward a simple element, toward an indissoluble origin*”, nem um “*method*”, nem mesmo um “*act or an operation*”, porque “it de-constructs it-self” e “it can be deconstructed”, afirmando: “What deconstruction is not? Everything of course! What is deconstruction? Nothing of course”. Cf. Derrida, Jacques. “Letter to a Japanese Friend”, in Peggy Kamuf (edit.), *A Derrida Reader: Between the Blinds*. New York: Columbia University Press, 1991 [1983].

<sup>6</sup> Cf. Derrida, Jacques. “A Diferença”, in *Margens da Filosofia*. Porto: Rés-Editora, s.d..



Exposição ‘Deconstructivist Architecture’, 23 Junho a 30 Agosto 1988. Nova Iorque, Museum of Modern Art (MoMA). The Museum of Modern Art Archives, NY. IN1489.1. © 2013. Digital image, The Museum of Modern Art, New York/Scala, Florence

<sup>7</sup> Eisenman define o “pós-funcionalismo” como uma ruptura prometida mas não realizada com a arquitectura moderna, afirmando que “functionalism is really no more than a late phase of humanism, rather than an alternative to it”, portanto integrando-o dentro da “modernist sensibility”. Cf. Eisenman, Peter. “Post-Functionalism”, in K. Michael Hays (edit.), *Opposition Reader*. New York: Princeton Architectural Press, 1998 [1976].

da actividade desconstrutiva. A desconstrução “acontece” assim através da “solicitação” dos fundamentos do pensamento, explorando as falhas e intervalos das oposições e binómios conceptuais que estruturam e sustentam os discursos instituídos:

“Deconstruction therefore analyses and questions conceptual pairs which are currently accepted as self-evident and natural as if they hadn’t been institutionalized at some point, as if they had no history. Because of being taken for granted they restrict thinking.” (Derrida, 1997 [1986]a, 320)

Derrida investiga o potencial, presente embora oculto, das estruturas da linguagem, investindo nas formas de diferenciação entre significante e significado e nos efeitos produtivos dos seus deslocamentos nos discursos e práticas das sociedades. Se aos efeitos da “*différance*” o filósofo dá o nome de “espaçamento”, conferindo-lhe uma “força produtiva, positiva, generativa” sobre uma “alteridade irreductível”, chama “evento” ao acontecer indeterminado e imprevisível da desconstrução, através da interrupção e subversão do funcionamento convencional da linguagem. É na verdade este acontecer que pode desencadear o movimento das estruturas ideológicas, políticas e sociais. Essa assumpção da impossibilidade de uma identidade prévia ou final da linguagem é para o filósofo não uma limitação do pensamento, mas a sua própria “condição de possibilidade”. Na verdade, é essa opacidade da mediação e consequente abertura da linguagem que potencia a afirmação irreductível do novo e a transformação inexorável do mundo. No entanto, compreendendo os riscos de tornar a crítica da lógica sistémica numa lógica sistémica em si mesma, o filósofo resiste a uma definição da ideia de desconstrução, afastando-se desse modo da sua associação a uma forma de crítica ou método analítico:

“So I should certainly want to reject the idea that «Deconstruction» denotes any theory, method or univocal concept. Nevertheless it must denote something, something that can at least be recognised in its workings or its effects.” (Derrida, 1994 [1989], 9)

A desconstrução esquia-se assim a uma caracterização precisa e clara, incapacitando a sua tradução em método, e questiona a posição estável de quem a pratica, impossibilitando a sua condição exterior e autónoma. Como Derrida afirma, a desconstrução exerce-se habitando “de certa maneira” as estruturas políticas e ideológicas das sociedades.

No campo da arquitectura, Eisenman foi o arquitecto que, desde os anos 70, e previamente ao seu interesse pela desconstrução derridiana, vinha desenvolvendo na teoria e na prática aquilo que se pode definir como uma prática desconstrutiva radical. Desde cedo, o arquitecto americano procurou realizar um programa de deslocamento das fundações disciplinares da arquitectura, através da tentativa de neutralização de toda a determinação “exterior” da arquitectura. Primeiro, em 1976, num editorial na revista *Oppositions*, propôs a neutralização da determinação funcional da arquitectura com a afirmação do “pós-funcionalismo”.<sup>7</sup> Atacando o binómio disciplinar central da forma/função, Eisenman pretendia romper com

uma “tradição humanista com 500 anos” na arquitectura, desde o Renascimento, afirmando que a arquitectura moderna, ao contrário das vanguardas históricas nas artes, mais do que uma ruptura paradigmática com a concepção clássica tinha sido afinal a sua mera continuação. Com esta suspensão da relação entre forma e função, o arquitecto procurava abrir novas possibilidades para a disciplina:

“This new theoretical base changes the humanist balance of form/function to a dialectical relationship within the evolution of form itself. (...) Post-functionalism, thus, is a term of absence. In its negation of functionalism it suggests certain positive theoretical alternatives (...)”. (Eisenman, 1998 [1976], 12).

Em segundo lugar, em 1984, Eisenman propôs a neutralização da determinação simbólica da arquitectura com a proclamação do “fim do clássico”.<sup>8</sup> O arquitecto atacava a estrutura de sentido da arquitectura, expondo as “três ficções” da “representação, razão e história” e questionando os seus fundamentos respectivos do “significado”, “verdade” e “intemporalidade a partir da ideia de mudança”. De uma assentada, Eisenman pretendia desfundar toda a convencionalidade da arquitectura, explorando a libertação resultante do “fim das origens/inícios e o fim dos valores/fins”:

“Rather what is being proposed is an expansion beyond the limitations presented by the classical model to the realization of *architecture as an independent discourse*, free of external values – classical or any other; that is, the intersection of the meaning-free, the arbitrary and the timeless in the artificial.” (Eisenman, 1996 [1984], 219).

Este deslocamento teórico, fortemente influenciado pela sua prática projectual, assumia assim uma dimensão desconstrutiva extrema das fundações disciplinares da arquitectura. No limite, Eisenman procurava uma arquitectura livre de toda a determinação exterior à disciplina, seja ela programática, funcional, simbólica, estilística ou construtiva, através da afirmação de uma radical autonomia disciplinar tornada pura investigação formal.

O percurso da desconstrução arquitectónica haveria de ficar marcado, em meados da década de oitenta, pelo encontro entre as duas disciplinas através da colaboração entre estas duas figuras. Por um lado, Eisenman, desde o final dos anos 70, tinha-se interessado pelas teorias filosóficas de Derrida, apropriando-as no sentido de procurar tanto um enquadramento cultural e legitimação teórica para o seu programa arquitectónico, através do repto de desconstrução da “metafísica da arquitectura”, como explorar directamente alguns dos seus conceitos na sua prática projectual, aplicando as ideias de “palimpsesto”, “traço”, “rastros” ou “marca”.<sup>9</sup> Por outro lado, Derrida teria uma influência bastante extensa no campo disciplinar da arquitectura, não só das suas ideias num conjunto de teóricos de arquitectura, mas também na sua participação no domínio específico da arquitectura, quer através da sua presença em importantes conferências e debates, quer através do seu envolvimento no projecto de La Villette, coordenado por Tschumi, que culminaria com a referida colaboração entre Derrida e Eisenman.<sup>10</sup> No momento de aproximação entre o pensamento filosófico e a teoria de arquitectura e de estruturação teórica do que seria o desconstrutivismo, a colaboração

<sup>8</sup> Eisenman defende o “fim do clássico” como um ataque radical às estruturas de sentido da arquitectura, desenvolvidas desde o “fifteenth century to the present”, atacando as “three fictions” clássicas e modernas da “representation, reason, and history”. Cf. Eisenman, Peter. “The End of the Classical: The End of the Beginning, the End of the End”, in Kate Nesbitt (edit.), *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press, 1996 [1984].

<sup>9</sup> Ver Bédard, Jean François; Balfour, Alan (edits.). *Cities of Artificial Excavation: The Work of Peter Eisenman 1978-1988*. New York: Candian Center for Architecture / Rizzoli, 1994.

<sup>10</sup> Derrida exerceu uma forte influência em teóricos de arquitectura; marcou presença em importantes conferências de arquitectura na transição das décadas de oitenta e noventa; publicou nesse período entrevistas e textos cruciais sobre desconstrução em arquitectura e ensaios sobre o projecto de Tschumi para La Villette e sobre o projecto com Eisenman no âmbito do mesmo plano.

<sup>11</sup> Ver Kipnis, Jeffrey; Leeser, Thomas (edits). *Chora L Works: Jacques Derrida and Peter Eisenman*. New York: The Monacelli Press, 1997.

entre Derrida e Eisenman para um projecto de um jardim no âmbito do plano de La Villette, colocava pela primeira vez a possibilidade desconstrutiva de quebra das fronteiras e limites entre os dois campos disciplinares.<sup>11</sup> No entanto, o evento viria a testemunhar não tanto o deslocamento das fundações disciplinares da arquitectura e da filosofia ou a destabilização dos fundamentos subjectivos do arquitecto e do filósofo, mas a irreprimível resistência à desconstrução efectiva desse contracto ou protocolo, mesmo por aqueles que se propuseram explicitamente fazê-lo. Jeffrey Kipnis, que acompanhou todo o evento, é peremptório na sua leitura crítica da “promessa desta colaboração”:

“For though the relationship produced exactly what it was prepared for, it is not clear that it produced what was anticipated. In this sense, we might say that the event was fecund but infertile, from it came offspring, but no progeny. Thus if we hoped for a clear and definitive discourse in both text and design on the relationship between architecture and deconstruction, one that would end the anxious ambiguity and difficulty of this issue, then we would be disappointed. If we desired some demonstration of how simply rigid disciplinary boundaries could be dissolved, as if such boundaries were arbitrary conventions and carried no stakes, then we would be thwarted. If we dreamed of two authorities cutting through all resistances, habits, and vested interests to focus on common task then we would be rudely awakened by the defensiveness, duplicity, and conflict on this relationship (...).” (Kipnis, 1997, 138).

Em primeiro lugar, em termos de resultado, *Choral Works* demonstra a relativa irrelevância da colaboração, estando em total continuidade com as propostas arquitectónicas de Eisenman, não revelando nenhuma ruptura significativa em termos projectuais com a sua produção anterior. Em segundo lugar, em termos de processo, *Choral Works* manifesta as resistências das fronteiras disciplinares, com Eisenman a sair do campo arquitectónico, ao apropriar *ilustrativamente* o texto do filósofo, e com Derrida a adoptar uma perspectiva conservadoramente convencional da arquitectura, defendendo a responsabilidade social do arquitecto e a defesa da domesticidade da arquitectura. Se Eisenman invade explicitamente o campo da filosofia, Derrida escusa-se defensivamente a entrar no campo da arquitectura. A colaboração entre o filósofo e o arquitecto culminaria assim com uma respeitosa mas corrosiva troca de correspondência sob a forma de cartas e textos de leituras pessoais do evento, deixando no ar o espectro do fracasso do ambicioso programa e conseqüente afastamento entre os protagonistas.

Como reacção ao evento, Eisenman afasta-se da desconstrução derridiana, defendendo *paradoxalmente* a especificidade da sua interpretação no campo disciplinar da arquitectura. O conceito de “figura retórica” vem tentar caracterizar essa singularidade, opondo deliberadamente o discurso filosófico ao discurso arquitectónico:

“Jacques Derrida has suggested that traditionally, language suppresses the aesthetic in favor of the rhetorical. Now in architecture it is almost the reverse.

The presence in the object is dominated by the aesthetic; the absence, or the rhetorical quality is repressed.” (Eisenman, 1996 [1987], 178-179).

Mantendo a neutralização de toda a carga funcional ou semântica da arquitectura, Eisenman pretende deslocar *retoricamente* o domínio estético da disciplina, exacerbando a sua não representatividade figurativa que potencia a sua “abertura infinita”. Mas este levar ao extremo do programa eisenmaniano não faria mais do que exacerbar as suas contradições internas, evidenciadas pelos mais diversos comentadores da sua obra.<sup>12</sup> No limite, a apropriação da desconstrução por Eisenman aproxima-se mais de uma neutralização radical, interiorizando simultaneamente uma condição negativa, pelo que recusa à partida das fundações disciplinares, e uma condição paradoxal, pela reafirmação subreptícia daquilo que pretende desfundamentar. Isto é, se a arquitectura se reduz a uma pura exploração formalista, a crítica da metáfora acaba por se tornar ela mesmo metafórica. Para Eisenman, a desconstrução acaba por se aproximar de um *grau zero* da arquitectura.

Por outro lado, seria difícil a Derrida aceitar a visão vincadamente formalista de Eisenman, estruturalmente despolarizada e de indiferente dimensão pública, e aceitar acriticamente os conceptuais jogos compositivos totalizadores do arquitecto. Derrida acredita que a desconstrução não é tanto uma neutralização, “sem equivalente e portanto sem oposição” (Derrida, 1988, 121), mas um deslocamento das instituições e dos discursos dominantes, detendo por isso uma forte conotação política, económica, social e cultural e uma necessária negociação institucional “no lugar da sua maior resistência”.<sup>13</sup> Percebe-se isso na sua interpretação da desconstrução em arquitectura:

“Now as for architecture, I think that Deconstruction comes about (...) when you have deconstructed some architectural philosophy, some architectural assumptions – for instance, the hegemony of the aesthetic, of beauty, the hegemony of usefulness, of functionality, of living, of dwelling. But then you have to reinscribe these motifs within the work. You can’t (or you shouldn’t) simply dismiss those values of dwelling, functionality, beauty and so on. You have to construct, so to speak, a new space and a new form, to shape a new way of building in which those motifs or values are reinscribed, having meanwhile lost their external hegemony. The inventiveness of powerful architects consists I think in this reinscription, the economy of this reinscription, which involves also some respect for tradition, for memory. Deconstruction is not simply forgetting the past.” (Derrida, 1994 [1989], 4).

Derrida pensa a desconstrução como uma interrogação radical das estruturas das sociedades, um deslocamento dos seus contractos e protocolos institucionais, revelando, no processo, os seus limites e limitações de forma a, ao torná-los visíveis, potenciar a reflexão positiva e a acção construtiva, *estruturalmente* necessárias à sua mutação e transformação. Neste sentido, a desconstrução arquitectónica pratica-se *dentro* das estruturas políticas e ideológicas, pondo-as em movimento e assim revelando outras aberturas e possibilidades.

<sup>12</sup> Ver *A+U: Architecture and Urbanism – eisenmanamnesie*. Extra Edition, Tokyo, 1988 (Derrida, Jacques. “Why Peter Eisenman Writes such Good Books”; Frampton, Kenneth. “Eisenman Revisited: Running Interference”; Vidler, Anthony. “After the End of the Line”; *Cities of Artificial Excavation: The Work of Peter Eisenman 1978-1988*). New York: Candian Center for Architecture / Rizzoli, 1994; Hays, K. Michael. “Allegory unto Death: An Etiology of Eisenman’s Repetition”; Bois, Yve-Alain. “Surfaces”.

<sup>13</sup> Derrida entende a desconstrução em arquitectura como uma forma radical de interrogação dos discursos políticos, culturais e sociais, uma vez que “first measure themselves against institutions in their solidity, at the place of their greatest resistance: political structures, levers of economic decision, the material and phantasmatic apparatuses which connect state, civil society, capital, bureaucracy, cultural power and architectural education.”, Derrida, Jacques. “Point de Folie: Maintenant l’Architecture”, in Leach, Neil (edit.). *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*. London / New York: Routledge, 1997.

<sup>14</sup> O interesse disciplinar pelo Construtivismo Russo, no período de gestação do desconstrutivismo, afirmar-se-ia com uma série de publicações sobre o tema, destacando-se as de Anatole Kopp e Selim O. Kahn-Magomedov. Por outro lado, a Academy de Londres seria um dos pólos difusores da desconstrução arquitectónica, publicando, durante o período de afirmação do desconstrutivismo, uma série de monografias, editadas por Catherine Cooke, sobre o Construtivismo Russo e arquitectos construtivistas.

<sup>15</sup> Catherine Cooke assume a conexão histórica entre o Construtivismo Russo e o desconstrutivismo, tendo um impacto “on later generations of the 20<sup>th</sup>-century designers”. Cf. Cooke, Catherine. “The Lessons of the Russian Avant-Garde”, in *A.D. Architectural Design – Deconstruction in Architecture*. London: Academy, 1994 [1988].

## Tensão de Genealogias: Desconstrutivismo vs. Construtivismo

A emergência da desconstrução em arquitectura está dividida entre duas concepções diferenciadas. Se, por um lado, a *desconstrução arquitectónica* se constitui associada ao pensamento filosófico e, em particular, às ideias de Derrida, por outro lado, a *arquitectura desconstrutivista* afirma-se por uma outra via, inicialmente distante e concorrente dessa concepção filosófica da desconstrução, assente na conexão histórica com o construtivismo russo.<sup>14</sup> De facto, a exposição de 1988 *Deconstructivist Architecture*, comissariada por Philip Johnson e Mark Wigley, no MoMA de Nova Iorque, com a participação dos arquitectos Frank Gehry, Daniel Libeskind, Rem Koolhaas, Peter Eisenman, Zaha Hadid, Coop Himmelblau e Bernard Tschumi, não refere em lado nenhum no seu catálogo a relação com a desconstrução derridiana. A genealogia do desconstrutivismo faz-se neste caso a partir do *interior* da disciplina, reactivando um momento particular da sua história.<sup>15</sup> Embora fazendo parte da história da arquitectura moderna, o construtivismo russo detém uma posição singular, ao revelar um descentramento em relação ao processo de institucionalização do *movimento moderno*. O ensaio principal de Wigley no catálogo da exposição procurava fundamentar a relação estrutural mas diferenciada entre os arquitectos desconstrutivistas e os seus antecessores construtivistas:

“The aesthetic is employed only in order to exploit a further radical possibility, one which the Russian avant-garde made available but did not take advantage of. If the projects in a sense complete the enterprise, in so doing they also transform it: they twist Constructivism. This twist is the «de» of «de-constructivist». The projects can be called deconstructivist because they draw from Constructivism and yet constitute a radical deviation from it.” (Wigley, 1988, 16).

Exposição ‘Deconstructivist Architecture’, 23 Junho a 30 Agosto 1988. Nova Iorque, Museum of Modern Art (MoMA). The Museum of Modern Art Archives, NY. IN1489.1. © 2013. Digital image, The Museum of Modern Art, New York/Scala, Florence



O desconstrutivismo parece então derivar não de uma apropriação arquitectónica da desconstrução filosófica, mas de uma conexão selectiva e deslocada com o construtivismo russo. Mais espacialmente activa e experimental, a arquitectura construtivista é aqui entendida como o *outro* da arquitectura moderna. É neste sentido que Wigley justifica a arquitectura desconstrutivista através de uma analogia conceptual e formal entre os projectos construtivistas dos anos 20 e 30 e as propostas seleccionadas para constituir o corpo exemplar da desconstrução arquitectónica, com o seu “questionamento dos próprios valores da harmonia, unidade e estabilidade” através da “produção de composições geométricas, «impuras», distorcidas”, “instáveis” e “irregulares”, que a arquitectura moderna tinha *sistematicamente* reprimido ao longo da modernidade.

Significativamente, essa perspectiva mais *interior* da disciplina era igualmente promovida pelo teórico de arquitectura Aaron Betsky. Simultaneamente à exposição do MoMA, Betsky investigava, num sentido próximo mas sem a referência histórica ao construtivismo, o fenómeno arquitectónico da “perfeição violada” na “fragmentação do moderno”, que o prefácio de Philip Johnson no catálogo da exposição do MoMA igualmente aludia. Trabalhando sobre o mesmo tema, mas enfatizando as suas dimensões sociais e tecnológicas, Betsky convocava um leque mais alargado de arquitectos, tanto nas abordagens como nas gerações, embora no essencial do mesmo espectro conceptual dos presentes em *Deconstructivist Architecture*.<sup>16</sup> Mas se Betsky estava interessado em perceber os processos de “fragmentação”, “deformação”, “desintegração” e “decomposição” como uma ameaça *externa* à forma arquitectónica, Wigley defendia as lógicas de “disrupção, deslocamento, deflexão, desvio e distorção” como um processo *interno*, semelhante a um “vírus”, que mantém a “integridade da forma arquitectónica”.<sup>17</sup> No limite, Wigley procurava libertar a arquitectura desconstrutivista dos traços expressivos, ilustrativos e representativos, que se podem encontrar ainda na lógica interpretativa de Betsky.

No entanto, em ambos os teóricos existe um afastamento da abstracção teórica da perspectiva filosófica e textual e um centramento na força perceptiva do objecto arquitectónico. Por um lado, Betsky acentuava explicitamente a dimensão crítica e perceptiva da arquitectura na constituição essencial das sociedades contemporâneas:

*“We must begin by understanding architecture as a critical investigation and as an act of perception that will allow us to remake a community in which we can mirror our humanity – a true unity.”* (Betsky, 1990, 23).

Por outro lado, Wigley afirmava radicalmente o colapso da teoria na própria prática objectual do projecto arquitectónico:

*“For most architects, this commitment to building is a recent shift that has completely changed the tone of their work. They have left their complex abstractions and confronted the materiality of built objects. This shift gives their work a critical edge. Critical work today can be done only in the realm of building: to engage with the discourse, architects have to engage with building;*

<sup>16</sup> Betsky defende uma perspectiva mais representativa e expressiva do fenómeno ligado àquilo que se definiu como arquitectura desconstrutivista, afirmando que “what is important is the acceptance both of the drive for perfection and freedom, and the belief that such liberation must be achieved in the modern, as it is breaking apart.” Cf. Betsky, Aaron. *Violated Perfection: Architecture and the Fragmentation of the Modern*. New York: Rizzoli, 1990.

<sup>17</sup> Wigley é explícito quanto a uma lógica interna e não externa de acção sobre a forma arquitectónica, afirmando que: “This is an architecture of disruption, dislocation, deflection, deviation, and distortion, rather than one of demolition, dismantling, decay, decomposition, or disintegration. It displaces structure instead of destroying it.” Cf. Wigley, Mark. “Deconstructivist Architecture”, in *Deconstructivist Architecture*. New York: MoMA, 1988.

<sup>18</sup> Um conjunto de ensaios de Eisenman manifestam claramente esta transição da focalização linguística inicial para uma vertente mais experiencial, na investigação das possibilidades da estética do sublime; na investigação do papel do autor na experiência do presente; e finalmente pela investigação das consequências físicas dos fenómenos da virtualização do real.

the object becomes the site of all theoretical inquiry. Theorists are forced out of the sanctuary of theory, practitioners are roused from sleepwalking practice. Both meet in the realm of building, and engage with objects. This should not be understood as a rejection of theory. Rather, it indicates that the traditional status of theory has changed. No longer is it some abstract realm of defense that surrounds objects, protecting them from examination by mystifying them. Architectural theory generally preempts an encounter with the object. It is concerned with veiling rather than exposing objects. With these projects, all the theory is loaded into the object: propositions now take the form of objects rather than verbal abstractions. What counts is the condition of the object, not the abstract theory. Indeed the force of the object makes the theory that produced it irrelevant. Consequently, these projects can be considered outside their usual theoretical context. They can be analyzed in strictly formal terms because the formal condition of each object carries its full ideological force.” (Wigley, 1988, 19)

Em suma, tendo em conta as influências dos paradigmas semiológico e fenomenológico do pensamento contemporâneo, a arquitectura desconstrutivista revela na sua génese uma bipartição correspondente. Existem assim duas interpretações diametralmente opostas, uma linguística, relacionada com a apropriação arquitectónica da teoria filosófica da desconstrução, outra experiencial, derivada de uma exploração das qualidades perceptivas do objecto arquitectónico. Mas torna-se determinante que o desenvolvimento da desconstrução arquitectónica caminhe no sentido de uma aproximação e confluência de ambas, numa contaminação e hibridização dessas diferentes linhagens fundadoras.

Isto pode-se comprovar no processo de evolução, posterior à exposição do MoMA, dos dois teóricos fundamentais associados à desconstrução arquitectónica, que partiram de cada um dos lados concorrentes desta dupla genealogia. Por um lado, pela via linguística, Eisenman no final dos anos 80 inicia uma inversão do seu percurso das teorizações conceptuais para uma consideração cada vez mais evidente com as potencialidades da experiência espacial.<sup>18</sup> O arquitecto afasta-se das investigações linguísticas, investindo na exploração da percepção do espaço, essencialmente através do próprio projecto arquitectónico:

“Early in my work, I thought that a linguistic analogy was useful. I believed that as an architect you needed to know. And if you needed to *know*, you needed to understand, to be able to decode. I no longer believe that knowing is more important than experiencing.” (Eisenman, 1997, 19).

Por outro lado, pela via experiencial, no início dos anos 90, Wigley distancia-se dos objectos arquitectónicos para inversamente se concentrar naquela que seria a elaboração teórica mais consistente da desconstrução em arquitectura, através da investigação do próprio pensamento de Derrida. O livro *The Architecture of Deconstruction: Derrida's Haunt* manifesta essa necessidade estrutural de fundamentação teórica, percebida no rescaldo problemático da exposição *Deconstructivist*

*Architecture*, no sentido de “articular a relação algo difícil entre um certo tipo de pensamento e um certo tipo de espaço”:

“The philosophers have had a lot to say to the architects and the architects have had a few surprises for the philosophers. Everyone has had to think again, and then again. The effects of this rethinking are considerable, if not obvious.” (Wigley, 1996 [1993], xiii)

Nestes termos, tal como se tem revelado na sua ainda curta mas intensa história, é preciso reconhecer que a desconstrução arquitectónica manifesta uma capacidade e competência próprias para se ir desconstruindo, sucessiva e reciprocamente. Mas esse percurso atribulado e multifacetado não tem contribuído para uma efectiva compreensão do seu verdadeiro impacto na teoria de arquitectura contemporânea. Desde logo, entre abordagens de vertente mais semiológica ou fenomenológica, mais linguística ou experiencial, a desconstrução arquitectónica marca esse questionamento da autonomia e universalidade desses grandes programas teóricos. Por outro lado, a desconstrução arquitectónica não pode, por impossibilidade sistémica, configurar um novo paradigma teórico, seja porque o seu ataque se dirige a essa vontade estabilizadora e totalizadora, seja pela desconfiança em relação a lógicas de origem e finalidade que sustentam pretensamente algo de original e autêntico. No entanto, tal como Derrida apontara, não sendo programa nem método, a desconstrução arquitectónica não deixaria de manifestar “algo”.

Em primeiro lugar, de uma perspectiva mais linguística, a desconstrução arquitectónica chamou a atenção para os vínculos estruturais entre o pensamento e a arquitectura, interrogando as fundações disciplinares da arquitectura, tendo em consideração a positividade da sua dinâmica intrínseca. Jeffrey Kipnis parece clarificar essa importância da consciência da condição problemática da arquitectura e da necessidade de atestar criticamente a sua transformação permanente:

“Above all, deconstruction is nothing new. According to its principles, deconstruction is possible only because it is always already occurring. What is new about it, what gets named with the new name «deconstruction», is a new respect for the instability that is always already at work, that is irrepressible and yet every totality, radical or conservative, and every scene of stability must attempt to repress, to disrespect. Architecture is a major test for deconstruction precisely because it is a scene of the proper, a scene of stability unlike any other – physical, aesthetic, historic, economic, social, and political.” (Kipnis, 1997, 137-138)

Desde logo, a desconstrução arquitectónica não pode justificar ou legitimar uma corrente particular ou um tempo histórico específico, uma vez que ela é estruturalmente intrínseca à natureza e experiência humanas. Mas o facto de ter sido disciplinarmente pensada e concebida num momento e contexto determinados, através da ideia de desconstrução derridiana, não pode deixar de ter aqui uma importância inalienável. Perante isto, a desconstrução arquitectónica afirma a exigência de ne-

<sup>19</sup> Derrida define surpreendentemente essa acontecer da desconstrução arquitectónica, a partir do termo francês «maintenant», no sentido simultâneo do presente como aqui-e-agora e do permanecer como persistir, uma vez que “the *just maintenant* [just now] does not remain a stranger to history, of course, but the relation would be different”, sendo que “the *imminence of what happens to us maintenant announces not only an architectural event but, more particularly, a writing of space, a mode of spacing which makes a place for the event.*”, Cf. Derrida, Jacques. “Point de Folie: Maintenant l’Architecture”, in Leach, Neil (edit.). *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*. London / New York: Routledge, 1997.

<sup>20</sup> Tschumi falava já em 1977 do “eroticism” em arquitectura, referindo que “the ultimate pleasure of architecture is that impossible moment when an architectural act, brought to the excess, reveals both traces of reason and the immediate experience of space.” Cf. Tschumi, Bernard. “The Pleasure of Architecture”, in Nesbitt, Kate (edit.). *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press, 1996 [1977].

gociação crítica e produtiva com as estruturas ideológicas das sociedades, deslocando as suas assumpções e pressuposições fundadoras, ao mesmo tempo que as reinscreve e reinstala em novos termos, mesmo que através de obras físicas perenes. O que se torna relevante é essa assumpção da natureza problemática dos processos de mediação, e das suas consequências e efeitos nas estruturas de sentido e práticas de significação que definem e determinam as sociedades. Neste sentido, a desconstrução pratica-se tendo em consideração esse fundo de alteridade que funda e desencadeia as práticas criativas e culturais.<sup>19</sup>

Por isso, as principais teorizações relacionadas com a desconstrução arquitectónica remetem para conceitos qualificativos que manifestam, aos mais diversos níveis, essa presença estrutural do *outro*: a percepção do “uncanny” e do “unhomely” de Anthony Vidler; a repetição “anoriginal” da tradição de Andrew Benjamin; a tradução da “impurity” e “incompletion” da linguagem de Mark Wigley; exploração da “undecidability” e “instability” no projecto de Jeffrey Kipnis; a activação da “transgression” e da “disjunction” de Bernard Tschumi; a captação do “invisible” e “involuntary” de Daniel Libeskind; a formalização do “grotesque” e do “excess” de Peter Eisenman; a produção “delirious” na metrópole de Rem Koolhaas; etc. Todos estes termos teóricos expõem esse apelo do potencial da arquitectura como manifestação da diferença e da alteridade. Afastando-se do universo do convencional e do familiar, estas concepções desconstrutivas, que funcionam como instrumentos críticos de interrogação e deslocamento, desafiam as ideias estabelecidas e estabilizadas da teoria de arquitectura. Ao fazê-lo, põem a teoria de arquitectura em movimento, explorando o seu potencial crítico e especulativo e abrindo novas possibilidades de prática teórica e projectual.

Em segundo lugar, de uma perspectiva mais fenomenológica, a desconstrução arquitectónica revelou um novo interesse pela exploração das qualidades físicas e espaciais da obra arquitectónica, naquilo que permite a activação da experiência corporal do espaço. Mark Wigley parece apontar o fulcro das estratégias projectuais da desconstrução arquitectónica, através de uma reactivação simultânea da teoria e da prática na criação espacial, levando ao questionamento das codificações e convenções dos tradicionais formalismos:

“To translate deconstruction in architecture does not lead simply to a formal reconfiguration of the object. Rather, it calls into question the condition of the object, its «objecthood». It «problematizes» the condition of the object without simply abandoning it. This is a concern with theoretical objects, objects whose theoretical status and «objecthood» are problematic, slippery objects that make thematic the theoretical condition of objects and the «objecthood» of theory.” (Wigley, 1990, 12).

A desconstrução arquitectónica não pode deixar de assumir um papel criativo e experimental que, através da produção de novas realidades espaciais, interroga as bases do fenómeno perceptivo, activando a experiência corporal e perceptiva do espaço arquitectónico.<sup>20</sup> É esta experiência espacial intensa, enigmática e visceral, que a arquitectura da desconstrução veio acordar e explorar radicalmente.

Uma experiência que assume a mediação, não como um campo transparente de conciliação e síntese, mas como um território indecifrável e insondável, por isso aberto à experiência da alteridade do espaço. Esse questionamento tornado espaço revela que a experiência arquitectónica acontece tendo em conta essa opacidade estrutural que pode ser produtiva e criativa, explorando as possibilidades do dispositivo perceptual inerentes aos processos de mediação com o real. Os arquitectos da desconstrução, e alguns que se seguiram, têm explorado radicalmente o nosso aparelho perceptivo, através de uma prática de deslocação e destabilização intencional dos espaços construídos: as estonteantes formas reticuladas e interceptadas de Peter Eisenman; as alusivas superfícies orgânicas e abstractas de Frank Gehry; as instáveis estruturas agregadas e oblíquas dos Coop Himmelblau; os silenciosos espaços memoriais traumáticos de Daniel Libeskind; os dinâmicos percursos fluidos e contínuos de Zaha Hadid; as esquizofrênicas instalações técnicas e electrónicas de Diller & Scofidio; as delirantes conexões funcionais e programáticas de Rem Koolhaas; ou mesmo, as enigmáticas construções e texturas materiais de Herzog & Meuron; os etéreos planos transparentes e reflectivos de Sejima e Nishizawa; etc. Todas estas propostas criativas traduzidas espacialmente, sendo muito diferentes entre si, não deixam de se centrar numa questão fundamental, na abertura da experiência arquitectónica e consequente activação do corpo no espaço, desafiando a experiência de percepção espacial por parte dos utilizadores.<sup>21</sup>

Concluindo, pode dizer-se que a desconstrução arquitectónica não conseguiu conectar e relacionar estruturalmente estas duas dimensões, linguística e experiencial, que atravessaram todo o fenómeno da arquitectura desconstrutivista. Entre a constituição da teoria e a prática da construção, entre a elaboração do discurso e a realização do espaço, entre a investigação da linguagem e a exploração da experiência, não se estruturaram os vínculos determinantes que poderiam revelar as descobertas pensadas e produzidas pela desconstrução arquitectónica.<sup>22</sup> Será eventualmente o investimento teórico nesse campo mediador entre o pensamento discursivo e a experiência espacial que poderá trazer uma nova luz sobre um fenómeno que transformou *estruturalmente* a arquitectura contemporânea, mesmo que permanecendo ainda sob um véu de opacidade. ●

## Bibliografia

BETSKY, Aaron. 1990. *Violated Perfection: Architecture and the Fragmentation of the Modern*. New York: Rizzoli.

DERRIDA, Jacques. 1997 [1986]a. "Architecture Where the Desire May Live", in Neil Leach (edit.), *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*. London / New York: Routledge.

DERRIDA, Jacques. 1997 [1986]b. "Point de Folie: Maintenant l'Architecture", in Neil Leach (edit.), *Rethinking Architecture: A Reader in Cultural Theory*. London / New York: Routledge.

<sup>21</sup> Derrida salienta a relação intrínseca da desconstrução arquitectónica com a experiência receptiva, afirmado: "So Deconstruction is not simply an activity or commitment on the part of the architect; it is also on the part of the people who read, who look at this buildings, who enter the space, who move in the space, who experience the space in a different way." Cf. Derrida, Jacques. "Jacques Derrida in Discussion with Christopher Norris", in *A.D. Architectural Design – Deconstruction II*. London: Academy, 1994 [1989].

<sup>22</sup> Numa série de pequenos ensaios publicados nos últimos anos, em diversos âmbitos e suportes, tenho tentado investigar esse campo mediador entre a teoria da desconstrução arquitectónica e prática de arquitectos contemporâneos relacionados com o tema da desconstrução: Ver "Paisagem Arquitectónica como Ideologia: Rem Koolhaas e a Interiorização da Realidade Metropolitana", in *Arte & Paisagem*. IHA-Estudos de Arte Contemporânea, 2006; "«Delirious New York» explicado às Crianças", in *ArteCapital*. 2008; "A Abstracção na Arquitectura Contemporânea e as Estratégias de Investigação da Alteridade: Frank Gehry e Peter Eisenman", in *Arte & Abstracção*. Faculdade de Belas-Artes Lisboa, 2008; "Poder e Constrangimento na Arquitectura Contemporânea: Daniel Libeskind e a Activação da Memória", in *Arte & Poder*. IHA-Estudos de Arte Contemporânea, 2008; *Zaha Hadid na Máquina do Espaço-Tempo*. Dafne, 2010; "Perceptuality and Performativity in Contemporary Architecture", in Jecu, Marta (edit.). *Subtle Construction*. Bypass Editions, 2011).

- DERRIDA, Jacques. 1988. "Why Peter Eisenman Writes such Good Books", in *A+U: Architecture and Urbanism – eisenmanamnesia*, Extra Edition. Tokyo.
- DERRIDA, Jacques. "Jacques Derrida in Discussion with Christopher Norris", in *A.D. Architectural Design – Deconstruction II*. London: Academy, 1994 [1989].
- EISENMAN, Peter. 1998 [1976]. "Post-Functionalism", in K. Michael Hays (edit.), *Opposition Reader*. New York: Princeton Architectural Press.
- EISENMAN, Peter. 1996 [1984]. "The End of the Classical: The End of the Beginning, the End of the End", in Kate Nesbitt (edit.), *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press.
- EISENMAN, Peter. 1996 [1987]. "Architecture and the Problem of the Rhetorical Figure", in Kate Nesbitt (edit.), *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press.
- EISENMAN, Peter. 1997. "A Conversation with Peter Eisenman" (entrev. Alexandro Zaera), in *El Croquis – Peter Eisenman 1990-1997*, n.º 83 Madrid.
- EISENMAN, Peter. 2004. *Eisenman Inside Out: Selected Writings 1963-1988*. New Haven / London: Yale University Press.
- EISENMAN, Peter. 2007. *Written into the Void: Selected Writings 1990-2004*. New Haven / London: Yale University Press.
- HAYS, K. Michael (edit.). 2000. *Architecture Theory since 1968*. Cambridge-Massachusetts / London-England: The MIT Press.
- KAMUF, Peggy (edit.). 1991. *A Derrida Reader: Between the Blinds*. New York: Columbia University Press,
- KIPNIS, Jeffrey. 1997 [1991]. "Twisting the Separatix", in Jeffrey Kipnis; Thomas Leiser (edits), *Chora L Works: Jacques Derrida and Peter Eisenman*. New York: The Monacelli Press.
- KIPNIS, Jeffrey; Leiser, Thomas (edits). 1997. *Chora L Works: Jacques Derrida and Peter Eisenman*. New York: The Monacelli Press.
- MCQUILLAN, Martin (edit.). 2001. *Deconstruction: A Reader*. New York, Routledge.
- NESBITT, Kate (edit.). 1996. *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press.
- WIGLEY, Mark. 1988. "Deconstructivist Architecture", in *Deconstructivist Architecture*. New York: MoMA.
- WIGLEY, Mark. 1990. "The Translation of Architecture: The Product of Babel", in *A.D. Architectural Design – Deconstruction III*. London: Academy.
- WIGLEY, Mark. 1996 [1993]. *The Architecture of Deconstruction: Derrida's Haunt*. Cambridge-Massachusetts / London-England: The MIT Press.